**A Lua vem da Ásia:
Rebelião na máquina panóptica**

Aristides Alonso
Doutor em Letras (UFRJ)
Pós-Doutor em Comunicação (Universidade Nova de Lisboa).
Pesquisador do ...etc. Estudos Transitivos do Contemporâneo (CNPq/
UFJF.0001).
Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Diretor da UniverCidadeDeDeus (UD) Membro do grupo NovaMente.
aalonso@openlink.com.br

À Samira Nahid de Mesquita, in memoriam

Em *A Lua vem da Ásia*, a rebeldia de um insólito personagem contras as formas institucionalizadas de alienação ficam evidentes desde o início da narrativa. Esse é o tema que vamos considerar. O descobrimento do personagem se processa lentamente como em um labirinto: saber quem é, onde está e qual é a ordem discursiva que o toma. E nessa busca paulatina, as considerações sobre a realidade denunciam ao leitor a trama ao seu redor. A vontade de controle e de previsibilidade organizam um aparelho de policiamento e repressão. Por isso, nesta breve leitura, enfocamos a vigilância e o controle a partir do panóptico como descrito por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*.

A lua vem da Ásia é um romance pouco conhecido. Publicado em 1956, é o primeiro livro de ficção de Campos de Carvalho que na primeira edição traz um post-scriptum quase que se retratando do livro e de sua radicalidade. Segue o trecho na íntegra:

O autor sente-se no dever de esclarecer que este livro, escrito há cerca de dois anos, já não exprime seu atual pensamento tocante à solidariedade humana, da qual ele se fez um crente e um paladino fervoroso, como espera prová-lo em páginas futuras. Se o publica, apesar de tudo, é que se trata de um livro realmente sincero para a época em que foi escrito, exprimindo com fidelidade a angústia e a perplexidade

de um espírito que durante quarenta anos foi solitário, antes de fazer-se solidário.¹

De fato, a retratação do autor se deve a radicalidade das idéias de seu personagem que ferem concepções humanistas da nossa cultura. A estória é narrada em primeira pessoa pelo protagonista que não sabe dizer no início exatamente onde se encontra. Supõe estar em um hotel de luxo rodeado de outros estranhos personagens até descobrir que de fato se encontra em um "campo de concentração" (mas que pela sua descrição mais parece um asilo ou manicômio). A narrativa é entremeadada de aventuras rocambolescas e deslocamentos espaço-temporais onde o personagem assume imaginariamente as mais diversas identidades carta ao Times endereçada ao redator de assuntos fúnebres, comunica que pretende praticar suicídio ou, como ele prefere denominar, auto-eutanásia.

A "loucura" do personagem é, sem dúvida, a primeira coisa que chama a atenção do leitor. Entretanto, a profunda lucidez com que ele considera a realidade que o cerca é que é, de fato, mais nos surpreende:

- Razão tinha eu de suspeitar. Dissipou-se afinal a cortina de fumaça que encobria em parte o mistério deste hotel internacional em que me jogaram há mais de vinte anos. Não estamos em um hotel e sim num tenebroso campo de concentração, com tortura e tudo, a julgar pelo que me infligiram ontem.²

- Agora eu pergunto: que querem de mim, realmente, esses senhores e essas senhoras que até ontem eu tomava por gerentes e criados de um hotel de luxo, embora estranhando sempre o regime severo de vigilância a que estava, como todos os demais hóspedes, sujeito dia e noite, e até mesmo durante o sono?³

- Estaremos porventura numa nova Inquisição, ou será a mesma antiga que nunca deixou de existir e que só agora, pela primeira vez, se fez sentir em toda a sua plenitude sobre meu peito cansado e meu olhar triste (...).⁴

¹ CARVALHO, C. 1956, p. 193

² Ibidem, p. 43.

³ Ibidem, p.44

⁴ Ibidem, p.45

- Daí nasceu, se não me engano, a minha vocação de clown (...). Eu, o clown Barnabo, ex-burocrata, ex-espião comunista, ex-sentenciado a cadeira elétrica ex-tudo enfim. Clown simplesmente, o que é demais.⁵

- As paredes me prendem dentro deste quarto de hotel sem nenhuma beleza; proibem-me por motivos políticos de sair à rua e de saber inclusive em que cidade exatamente estou, eu que sou globe-trotter e amante de todos os horizontes.⁶

Em sentido corrente, como definido pelo Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, loucura é "insanidade mental", "falta de discernimento" (que não é o caso do personagem), "tudo o que foge às normas, que é fora do comum" e louco, aquele que apresenta esse estado. A "loucura" do personagem, neste caso, é definida como desordem, desastre, algo não calculável ou suportável pelo sistema que o aprisiona. Portanto, deve ser controlada e excluída. A dimensão de clown que o personagem atribui a si mesmo é um modo delirar com essa situação. Aquele que está fora de lugar, fora dos discursos estabelecidos que compõem a organização, a rede da cultura e sua ideologia. Em suma, um discurso que não encontra reconhecimento, o que o torna virtualmente perigoso, senão subversivo à ordem estabelecida. Lacan a este respeito afirma que:

Na loucura, qualquer que seja sua natureza, é-nos preciso reconhecer, de um lado, a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer, ou seja o que chamamos obstáculo à transferência, e, de outro lado, a formação singular de um delírio que fabulatório, fantástico ou cosmológico-interpretativo, reinvidicador ou idealista objetiva o sujeito numa linguagem sem dialética.⁷

Por outro lado, pode-se observar o conhecimento que o personagem tem dos discursos que o cercam. Não há de sua parte submissão a eles. Principalmente naquilo que ele defende como seu direito à liberdade. Sente-se estranho nesse ambiente, mesmo quando atravessado por eles sob forma emotiva, nota-se um distanciamento entre o discurso dominante e o seu. No Capítulo sem sexo, quando narra a visita de sua mãe ou de alguém

⁵ Ibidem, p.47

⁶ Ibidem, p.40

⁷ LACAN, J. 1978, p.144

que ocupa esse lugar conforme o próprio personagem reconhece, tece os seguintes comentários:

E agora que estou só, neste quarto de paredes imóveis e de profundo silêncio, sinto dentro de mim um amor filial que há muito não me visitava e que me vi obrigado a representar esta manhã, junto à pobre criatura que perdeu todos os seus filhos nas três últimas guerras.⁸

"Tragicomédia que me vi obrigado a representar" dá bem a medida de teatralização, de representação do papel de filho. Representar o papel de filho reconhecendo depois sua função de mero papel sem cair no logro da representação. Há em toda narrativa esta atitude em relação às encenações dos discursos estabelecidos.

O Picasso na parede não chega a ser propriamente um Picasso, mas um espelho sem brilho e quase surrealista, no qual eu me vira refletido sem poder reconhecer-me.⁹

No capítulo D, o personagem-narrador faz a exposição de seu ideário, que de certa forma já percorre todo o romance, e, em uma varredura geral, espalha sarcasmo sobre a humanidade, reduzindo-a a uma metáfora minimal: merda pura pura perda, onde o sentido de existir fracassa e a morte é a única verdade:

A palavra foi dada ao homem para blasfemar contra o seu destino, e a palavra escrita e a verdadeira palavra, como o defunto é o único homem verdadeiro em sua nudez total. (Mudez ou nudez, leiam como quiserem).¹⁰

Há grande lucidez em seu discurso contestatório, onde sua diferença e singularidade são definidas e mantidas a qualquer preço, quando o que é essencial não pode ser negado ou corrompido. É o que ele chama de verdade e liberdade.

Vimos o nosso personagem e sua desventura assim como sua captura e resistência em relação aos discursos que o dominam. Remar contra a corrente dos discursos que aprisionam levou nosso herói a um desfecho radical. Este discurso já foi pensado como uma máquina, uma construção, cuja autoria é atribuída a Jeremy Bentham que se tornou conhecida graças aos trabalhos de Michel Foucault. Em primeiro lugar, o panóptico não é um

⁸ CARVALHO, C. 1956, p.131

⁹ Ibidem, p.117

¹⁰ Ibidem, p.124

prisão, e "um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas".¹¹ Pode servir para escolas, usinas, asilos, prisões, hospitais, fábricas e etc. a partir de algumas modificações. Nessa construção o espaço fechado é visível; de dentro não se comunica com o fora nem com o ponto vizinho; apenas o olhar central, dissimulado, é onividente. O panóptico é uma máquina de produzir a imitação da vigilância onividente, pois quem olha não pode ser visto e assim intensifica seus poderes de observação, pois controla mesmo quando não está vendo. Busca-se o domínio totalitário onde todos os detalhes e minúcias devem ser previstos. Nele tudo tem de ser útil, nada pode existir sem que seja pragmático ou calculável. Assim tudo deve concorrer para um resultado, nada pode ser em vão e todo desperdício deve ser absorvido. Gera um processo de transparência, de classificação, de cálculos e de utilização geral. Por isso o panoptismo é avesso ao vagabundo e à massa.

O primeiro é sem classificação ou lugar na sociedade e a última, sinônimo de indeterminação e derrota de qualquer sistema de classificação. O ideal é atingir a mais completa homogeneidade e uniformização e como a mais neutra diferenciação a unicidade. Um simulacro de poder absoluto. Para Bentham, ao contrário de Freud, o homem é perfeitamente submisso e governável. Basta saber levá-lo para o prazer, fugindo da dor. Logo, para ele tudo é possível dentro do princípio utilitarista.

Foucault enfatiza o mecanismo de vigilância e descreve a máquina de Bentham como aquela que ficciona a visão totalitária. Tudo ver sem ser visto - eis o jogo. A dominação se efetiva pelo simulacro da totalidade do olhar-deus capaz de fingir ou imitar esse real impossível: tudo ver para tudo saber e assim o olhar se erige como o simulacro de poder.

O panopticon é uma máquina de dissociar por verser visto; no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver, na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto.¹²

Dessa forma, o panoptismo se estrutura também como um "laboratório de poder"¹³, o homem, no que é vigiado, passa a ser estudado

¹¹ MILLER, J.A. 1976, p.76

¹² FOUCAULT, M. 1977, p. 178.

em suas mínimas reações de comportamento. Não é uma vigilância pura e simples. É um vigiar que espreita para conhecer e conhece para assujeitar. Foucault chama a atenção para o caráter arquitetural e ótico do panopticon de Bentham, chamando-o de "tecnologia política" perfeitamente destacável de um uso específico:

É polivalente em suas aplicações: serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões.¹⁴

É fácil de se perceber agora que esse modelo atravessa então toda a sociedade, sendo possível detectá-la praticamente em toda e qualquer instituição moderna e dotada de um mínimo de organização técnica ou burocrática. A fila no caixa de um banco é, em última análise, resultado da eficácia desse sistema. No momento em que qualquer um cai nessa armadilha entra em ação o conflito inicial entre o que se constitui como busca de igualdade, uniformização ou totalização por parte da instituição-máquina e o que se constitui como singularidade, ou seja, estranheza total em relação a um sistema dado. Diferença entre o discurso pretensamente onipotente da máquina institucional (a própria ideologia) e o movimento de metamorfose perene em jogo no processo.

É justamente neste ponto que essa máquina começa a dar mostra do seu limite, pois sua função tende a se infinitizar.

O ponto ideal da penalidade hoje seria a disciplina infinita: um interrogatório sem termo, um inquérito que se prolongasse sem limite numa observação minuciosa e cada vez mais analítica, um julgamento que seja ao mesmo tempo a constituição de um processo nunca encerrado, o amolecimento calculado de uma pena ligada à curiosidade implacável de um exame, um procedimento que seja ao mesmo tempo a medida permanente

¹³ Ibidem, p.180

¹⁴ Ibidem, p.181

de um desvio em relação a uma norma inacessível e o movimento assindótico que obriga a encontrá-la no infinito.¹⁵

A máquina começa a fracassar quando tem que dar conta de maneira total, completa e irretocável do algo que lhe escapa, e não permite ser abarcado como totalidade, nem abolido como inutilidade, nem ignorado como inexistente. Por se quer total, absoluta, sem perdas nem dejetos, torna-se infinita no exaustivo trabalho da classificação e previsão dos mínimos detalhes, e assim fica sempre inconsistente ou incompleta.

No que toca a linguagem, Bentham (como muitos gramáticos nossos!) queria abolir definitivamente a ambigüidade e para cada significante colar um e apenas um significado, como cada prisioneiro em sua cela, compartimentado. "Escrever é acabar com a ambigüidade"¹⁶ diz Bentham, que afinal de contas, em um trabalho infatigável produziu uma obra ambígua e seus projetos, assim como a elaboração do panóptico, ficaram inacabadas.

Retomando o nosso personagem muito louco em *A lua vem da Ásia*, podemos agora facilmente situar o seu aprisionamento. De fato, a sua confusão inicial é perfeitamente compreensível. "Hotel de luxo", "campo deconcentração" ou "asilo", não importa, verificamos que é um sistema de estrutura panóptica, totalitária, notável em muitos detalhes da narrativa, entre elas o confinamento e o interrogatório.

A esse procedimento a que o personagem foi submetido algumas vezes é exatamente o descrito por Foucault e que tem por base "norma inacessível" a ser encontrada no infinito.

Tudo é possível neste mundo de infinitos, surpresos, e o que me resta, como a elas, é apenas aguardar que os acontecimentos se sucedem por si mesmos e que eu venha a revelar um dia, por bem ou por mal, meu terrível segredo, ou a que será mais triste minha desesperada inocência.¹⁷

No sistema benthaminiano toda sobra é incômoda e toda diferença virtualmente subversiva. Como apontar estruturalmente a falha em sua máquina? Em outras palavras, como demonstrar a impossibilidade do poder

¹⁵ Ibidem, p.199

¹⁶ MILLER, J.A. 1976, p.106

¹⁷ CARVALHO, C. 1956, p.46

absoluto como já fora feito em relação ao saber absoluto da filosofia hegeliana?

Essa máquina é um modelo de aprisionamento e sujeição total a um único ponto de vista. Simulacro e ficção do poder absoluto capaz de reduzir o homem também a pura mecanização, no sentido de uma construção sistêmica. Desejo de totalidade, no que nega a sua dialética, transforma-se em mecanismo totalitário imaginariamente completo.

Felix Guattari a propósito do fascismo já denunciava que "uma máquina totalitária enquanto tal, seja qual for o regime político do país onde ela está implantada, cristaliza sempre um desejo fascista".¹⁸ O panóptico é, ao mesmo tempo, a crença na máquina totalitária e a evidência da sua impossibilidade. O poder se declara dono da verdade, promove a univocidade, promete a completude de um determinado sistema. Simplesmente, é a negação do inconsciente e seu modo de operação como descrito por Freud. Ninguém tem nem é o poder absoluto. O sentido clássico de ideologia é o discurso que se toma pelo poder totalizante e dessa forma promove a dominação em nome dessa "verdade". Finge ser e saber a verdade esse é o embuste.

Segundo Freud governar, educar e psicanalisar são três ações impossíveis de serem realizadas plenamente. O percurso deste texto tem sido no sentido de comentar a impossibilidade de governar e controlar o que quer que seja totalmente.

Em *A lua vem da Ásia* esta é uma das problemáticas centrais. O personagem e a sua profunda rebelião contra a dominação e a anulação. O "louco", o rebelde contra a máquina panóptica.

A mim, pelo menos, esse processo medieval e sanguinário sempre me pareceu ridículo ao extremo, como há de parecer a todos os que pensem e sintam como eu o meu silêncio é tudo que lhe posso oferecer em troca, quando não uma ou outra blasfêmia inoperante, proferida em meio às minhas alucinações. Dou a minha Verdade ao primeiro mendigo da esquina e sem que ele a peça, como a dou de bom grado a quem se mostre humano como eu e me trate com um amigo;(...)

¹⁸ GUATARRI, F. 1981, p. 190

Os carrascos, tenho-os na conta apenas de imbecis a serviço do Estado ou de outra potência ainda mais impotente do que o Estado e com os imbecis a minha conduta foi sempre uma e única: eles de um lado eu do lado oposto, como duas margens de um rio que nem o mar da morte conseguirá jamais unir.¹⁹

A metáfora empregada pelo personagem narrador, "o mar da morte", remete-nos ao que há de fato há de mais inintegrável a qualquer sistema. Essa morte, que no final da narrativa o personagem vai reivindicar como um direito seu o seu próprio extermínio, o auto-assassinato ou auto-eutanásia. O que, afinal, perpassa como pura puro excesso não controlável por nenhum sistema.

Como breve comparação também podemos notar em uma outra narrativa, *O Alienista* de Machado de Assis, a busca do conhecimento e do domínio absoluto da loucura na ciência positivista, e a tentativa de traçar o seu controle.

Simão Bacamarte, protagonista do conto machadiano, perfeito representante da máquina panóptica, esquadrinha as múltiplas possibilidades de aprisionar a loucura de maneira totalitária. O poder da ciência. E após um trabalho infatigável, também depara-se com o fracasso e a morte. Machado ironiza então o pseudo-absolutismo do positivismo científico, demonstrando exemplarmente os seus limites perante o real da loucura. Tanto em uma narrativa quanto na outra, busca-se controlar a loucura por um processo de fechamento de todas as possibilidades para configurar seus efeitos e assim torná-la determinada, localizada e passível de vigilância, extermínio ou exclusão.

Em *A lua vem da Ásia* o personagem narra e sente os efeitos desse aparelho. Em *O Alienista*, pelo contrário, temos o cientista caçando meticulosamente a possibilidade de determinar a ratio da loucura: a sua calculabilidade. Calcular a loucura é o primeiro passo para torná-la eficiente, produtiva em uma direção pré-determinada. O protagonista sofre os efeitos de um sistema fechado. Em *O Alienista*, Simão Bacamarte sofre a impossibilidade de construir uma máquina perfeita, absoluta, capaz de

¹⁹ CARVALHO, C. 1956, p.56-57

cálculo e previsibilidade em todos os detalhes. Ambos, de maneira semelhante, mas inversa, são aprisionados pelo jogo de poder.

Qualquer forma de poder quer a unicidade, quer se impor como o único modelo instituindo-se a si mesmo como uno e unívoco. A máquina de Bentham é uma construção que visa a atualização do poder com simulacro, fingindo a onividência. Como vimos, *A lua vem da Ásia* é um romance onde se ficciona, entre outras coisas, a impossibilidade do controle totalitário, pois há um excesso que se nega a esse controle e que pode ser parcialmente suturado, mas não há como extirpá-lo, pois há uma insistência real eterna que não se deixa aprisionar em um modelo de conhecimento definitivo.

Rio de Janeiro, 1983.

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 253-288

CARVALHO, Campos de. *A lua vem da Ásia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977

GUATARRI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

MILAN, Betty. *Manhas do poder*. São Paulo, Ática, 1979.

MILLER, Jacques-Alain. *A máquina panóptica de Jeremy Bentham*. In: Lugar 8 Publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1976.

_____. *Matriz*. In: Lugar 8 - Publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1976. _____.

Teoria da alíngua. In: Lugar 8 - Publicação do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1976.